

Ana Aragão, Artéria, Branco Del Rio, Corpo Atelier, Fala, Inês Moreira, Joaquim Moreno, Os Espacialistas, Pedro Bandeira, Skrei, Summary, Susana Ventura

FORUM

MAIA

1-31.03  
Fórum da Maia

AT LUMINOSIDADE TITANUS TITANUS

No ano em que a cidade da Maia comemora 500 anos do Foral Manuelino, a segunda edição do Mês da Arquitetura da Maia (MAM'19) propõe uma antevisão do território a 100 anos.

A narrativa do encontro com o tempo dirige-se para o futuro convocando oito ateliers de arquitetura emergentes e quatro críticos de arquitetura a imaginar a Maia de 2119. *Fast Forward* é, por isso, uma exposição sobre o futuro, sensível à reunião de temas que lhe são indissociáveis como o território, a paisagem, o ambiente, a arquitetura, a tecnologia, a mobilidade e a sociedade.

A partir de textos, maquetas, desenhos rigorosos, ilustrações, colagens, instalações, realidade virtual e leituras artísticas, a conjugação de visões que resultam desta exposição parte da cidade em estudo e alarga ao mundo o apelo à reflexão crítica, mais ou menos profética, enquanto provocação ao incremento da discussão sobre o futuro das cidades – a partir da Maia.

This year, in which the city of Maia commemorates the 500th anniversary of its Manueline Foral Charter, the second edition of Maia Architecture Month (MAM'19) proposes a preview of the territory for the coming 100 years.

This narrative of the encounter with time is future-driven: we called on eight emerging architecture studios and four architecture critics to imagine Maia in 2119. *Fast Forward* is an exhibition about the future that examines themes such as territory, landscape, environment, architecture, technology, mobility and society, which are inseparably linked to it.

Taking the shape of texts, models, rigorous drawings, illustrations, collages, installations, virtual reality and artistic readings the visions that form the outcome of this exhibition have looked into the city of Maia and generated an appeal to the world for a critical, more or less prophetic reflection and for a growing debate on the future of cities.

1019



He now saw himself walking the dog or *The Thing*, which had become the dog's name and seemed not to have a sex, not to eat or defecate. In the *Contemporary* era (a term historians associated with the transition from the twentieth to the twenty-first century) he had no dog to walk, he hadn't inherited it from his children, he didn't use it as an excuse to leave the house and enjoy 15 minutes of silence, he didn't walk it to go for a smoke because he didn't smoke. But now it was different. *The Thing* seemed to be his only company. It learned easily all it was told and, as it had been asked to, it recorded the memories of its past life, prior to the century-long coma, prior to the great biotechnological revolution. He started to smoke because he was told he could, that it couldn't harm him. To him it was indifferent. He smoked just because it seemed they liked him to. And he owed them that...well, he owed them nothing, but it was nice to repay their kindness somehow. Because he recalled what it was to fill up the car tank with gasoline, and that smell that reached the back of his nose right next to the brain, within a few months they had reconstructed the Lavrador Roundabout white and green (or, rather, yellow and green) BP gas station with a shell or sunflower logo. The reconstruction was, of course, mere stagecraft. Gasoline and cars had vanished long ago, but the smell was the same and it too could no longer harm him.

When he woke up from his century-long coma, he was one of the few humans left with a memory of their former lives. They preferred to prioritize his memory of everyday, or even trivial, things. To the north, his territory was delimited by a replica of McDonald's (the fried food smell had been developed by the same team who had simulated the gasoline smell), to the northeast was the volume of Lidl (a mere outer shell, but with carts that operated with *Contemporary* coins), to the east was the sports complex of Nortecoop (with fan-simulating sound installation inside it), to the south were the walls of the Commerce Hospice (which he'd never gone into), to the southwest was a terracotta redbrick house whose anthropomorphic elevation was reminiscent of a blinking eye and to the west was the Lodge (rebuilt featuring a permanently empty swimming pool) of the now defunct North Highway.

This polygon was rebuilt alongside his memories and, although rather unfinished, it was by now considered a heritage park. On the other hand, even the already finished areas, such as the Lidl and McDonald's parking lots were now empty spaces, turned meaningless without the movement of people and vehicles. For him the city of Maia was becoming a ghost city, the early morning of a Sunday or a municipal holyday. To be sure, they quickly went to work rebuilding replicas of cars with wheels to fit these parking lots, but their motionlessness was only a reminder of other replicas of *Contemporary* era cars that entertained the children in shopping malls or café terraces. Although he'd never had a dog or cat he recalled a pet shop whose owner (Brígida or Gida), was known for her ability to tame any animal (including husbands and sons-in-law). This memory led to the reconstruction of a window with artificial aquarium plants, cat pillows and lasers, dog leashes, rubber chickens, silicon bones, remote controlled mice. Every day, he'd take out *The Thing* to look at the shop window. He had so much time in his hands that it allowed him to reconstruct such trivial spaces as the café where he had hotdogs and sometimes he'd laugh with *The Thing* because the word was meaningless and he was unable to explain it anyway.

He'd often question himself about the relevance of these memories to others, who seemed more civilized to him and apparently had nothing at all to do. He knew he was being used,

Via-se agora a passear o cão ou *A Coisa* que se tornara o nome do cão que não parecia ter sexo, não comia e não defecava. Na época *Contemporânea* (um termo que os historiadores associavam à transição do século XX para o XXI) não tinha cão para passear, não o herdara dos filhos, não o usava como desculpa para sair de casa e ter 15 minutos de silêncio, não o passeava para poder fumar porque não fumava. Mas agora era diferente. *A Coisa* parecia ser a única companhia que tinha. Aprendia facilmente tudo o que ele lhe dizia e gravava, como lhe tinham pedido, as memórias da sua vida anterior, antes do coma de um século, antes da grande revolução biotecnológica. Passou a fumar porque lhe disseram que ele poderia fumar, que não lhe poderia fazer mal. Para ele era-lhe indiferente. Se fumava era apenas porque sentia que eles gostavam que fumasse. E devia-lhes isso... bem, não lhes devia nada mas era simpático retribuir. Por se lembrar do que era abastecer um carro com gasolina, daquele cheiro que penetrava a parte superior do seu nariz a tocar no cérebro, logo passado uns meses reconstruíam na Rotunda do Lavrador a bomba de gasolina à sua imagem – uma BP branca e verde, ou amarela e verde, com o logótipo de uma concha ou de um girassol. Claro que a reconstrução era meramente cenográfica, há muito que não havia gasolina nem carros, mas o cheiro era o mesmo e também não lhe poderia fazer mal.

Quando acordou do seu coma de um século, era dos poucos seres humanos que restavam que tinha memória da vida anterior. Da sua memória eles preferiam privilegiar as coisas quotidianas ou mesmo banais. Tinha um território delimitado a Norte pela réplica do McDonalds (com um cheiro a fritos desenvolvido pela mesma equipa que simulou o cheiro a gasolina), a Nordeste pelo volume do Lidl (só exterior mas com os respetivos carrinhos a funcionar com moedas *Contemporâneas*), a Este pelo pavilhão desportivo da Nortecoop (com uma instalação sonora a simular as claque de apoio no seu interior), a Sul pelos muros do Lar do Comércio (onde nunca entrara), a Sudoeste por uma casa de *tijolo de burro* (nome que não conseguia explicar) cujo alçado antropomórfico lembrava um piscar de olho e a Oeste pela Estalagem da extinta Via Norte, reconstruída agora com a piscina sempre vazia.

Este polígono ia sendo reconstruído a par das suas memórias e embora muito incompleto era já considerado um parque patrimonial. Por outro lado, mesmo as zonas já completas, como o estacionamento do Lidl ou do McDonalds, eram agora um espaço vazio que perdia sentido sem a movimentação de pessoas ou de carros. Para ele a cidade da Maia tornava-se uma cidade fantasma, a madrugada de um domingo ou de um feriado municipal. Claro que depressa se puseram a reconstruir réplicas de carros com rodas para estes estacionamento mas a sua imobilidade lembrava apenas outras réplicas de carros da época *Contemporânea* que entretinham as crianças em centros comerciais ou esplanadas de alguns cafés. Apesar de não ter tido cão ou gato, lembrava-se de uma loja de animais cuja proprietária (Brígida ou Gida), era conhecida por domesticar qualquer bicho (marido e genro incluídos). Esta memória levou à reconstrução de um montra com plantas artificiais para aquários, almofadas e lasers para gatos, coleiras de cão, frangos de borracha, ossos de silicone, ratos telecomandados. Todos os dias levava *A Coisa* a ver aquela montra. O tempo que tinha era tanto que lhe permitia reconstruir espaços tão banais como o café onde comia *pregos* ou *cachorros*, e por vezes ria-se com *A Coisa* por estas palavras também não fazerem qualquer sentido e não as saber explicar.

Muitas vezes perguntava-se sobre o interesse que estas memórias teriam para os outros que, aos seus olhos, lhe pareciam mais civilizados além de não terem de aparentemente fazer nada.



filmed and mediatized by *The Thing*, but he had trouble understanding their interest in his spitting on the floor, pissing against a tree or simply saying *fuck it* without even comprehending the difference in tone. He disliked sharing his intimacy, which made him simulate (although they were entirely unawares) a generic intimacy. He sang in the shower, he breakdanced danced by himself, pretended to be drunk or wiped his nose in the mirror of one of the cars parked at Lidl, although after waking up from his century-long coma he'd never had a runny nose or sore throat. They once told him, inadvertently, that he could never die, which at first seemed unbelievable and made him madly happy, but with time became more credible and, paradoxically, a source of unhappiness although not to the point of making him wish for death. He was bored by the idea of being forever bound to the past, of being a builder of nostalgia.

Six years on, his territory filled up. The Nortecoop housing cooperative project had him busy for a year, although he only kept two typologies in his memory – the left/right building and the two-story semi-detached house. Without him noticing, he had eliminated all the gabled roofs from the buildings, according to the image he had of the houses built in Maia by *Contemporary* architects. For him, and for others, there seemed to be no difference between modern twentieth-century architecture and early twenty-first century houses. It was all white boxes with large glass surfaces and punctual granite walls. Historical relativism, comparable to the sushi prepared by Chinese, but nevertheless a considerable contrast with Maia 2121.

Beyond his sphere of action there was an inaccessible territory. The ground had been unfit for walking for a long time. Bush and thick forest had swallowed the ruins of roads, houses, factories and other constructions of the *Contemporary* era. Extreme sedentariness, associated with the virtualization of every gesture, had exiled people into vertical cells, resembling prison hotel rooms; it had been the final stage of the biotechnological revolution. Physical space had become indifferent. To communicate, each person used a *Thing*, often shaped like a fly, wasp or locust (these flew and were quicker than the dog). The sky was filled with these devices and it was rare for someone to show up in his territory to talk to him face to face. Since houses were merely simulated facades, he invited the sparse visitors to sit on the front steps of a building, or on the sidewalk curb, explaining that its difference in height served to separate cars from pedestrians. Then, he would offer a cigarette, which was sadly butt-less and didn't afford the pleasure of being put out against the irregular stone texture; cigarettes simply vanished. The attention to these tiny gestures made him notice that his city was too perfect. He began tagging every place, starting with bus stops, phone booths and mailboxes, whose memory had been ransomed from a movie he'd once seen. Finally, his obscure masterpiece consisted of using an abandoned site next to Lidl to evoke his memory of a Santana fair (after sellers had vacated it), scattering on it empty shoeboxes, fruit crates, plastic boxes and crystal plastic purses (made purposely for this installation). The *Things* of the others who visited the place virtually generated a plausibility as present as flies around excrement. Nothing amused him more than to watch bags fly around, accumulating in some corner just to become airborne again soon after, sometimes catching a locust or wasp unawares for a few seconds.

He smiled, looked down and shook his head as if saying *no*, but at the same time he'd hide his lips trying to disguise a feeling of consolation.

He had become an architect of lost time.

Sabia que estava a ser usado, filmado e mediatizado por *A Coisa*, mas tinha dificuldade em compreender o interesse que tinham por ele cuspir no chão, urinar contra uma árvore, ou simplesmente dizer *foda-se* sem que lhe percebessem a diferença de sentido na acentuação. Não gostava de partilhar a sua intimidade por isso simulava, sem que dessem conta, uma intimidade genérica. Cantava no banho, dançava sozinho imitando os *breakdancers* nos passos de patinagem, simulava-se embriagado ou limpava o nariz com um dedo ao espelho de um dos carros imobilizados do Lidl apesar de, desde que acordara do seu coma secular, nunca mais ter tido o nariz congestionado ou dores de garganta. Disseram-lhe uma vez (deixar escapar) que jamais poderia morrer e, se isso lhe parecia inacreditável e o deixara feliz ao princípio, tornou-se, com o passar do tempo, mais credível o que, paradoxalmente, o deixara algo infeliz mas não ao ponto de desejar a morte. Aborrecia-se com a ideia de estar perpetuamente preso ao passado, de ser um construtor de nostalgia.

Após seis anos o seu território ia-se preenchendo. O projeto da cooperativa da habitação Nortecoope dera-lhe um ano de trabalho embora na sua memória apenas existissem duas tipologias – o prédio esquerdo/direito e a casa geminada de dois andares. Sem que se desse conta retirou os telhados a todos edifícios aproximando-se da imagem que tinha das casas construídas na Maia pelos arquitetos *Contemporâneos*. Para ele e também para outros não parecia existir diferença entre a arquitetura moderna do século XX e as casas do início do século XXI. Tudo se resumia a caixas brancas com grandes superfícies de vidro e pontuais muros de pedra granítica. Um relativismo histórico comparável ao sushi preparado por chineses e, ainda assim, um contraste substancial com aquilo que era a Maia 2121.

Para lá do seu perímetro de ação existia um território inacessível. Há muito que o solo deixara de ser caminhável. O mato e florestas densas tinham absorvido as ruínas de estradas, casas, fábricas e outras construções da época *Contemporânea*. O sedentarismo extremo, associado à virtualização de todas as ações, exilava as pessoas em células verticais que poderiam ser prisões ou quartos de hotel mas essa era a derradeira revolução biotecnológica. O espaço físico tornara-se indiferente. Cada pessoa usava uma *Coisa* para comunicar que na maioria das vezes tinha a forma de mosca, abelha, vespa ou gafanhoto (voavam e eram mais rápidas que o cão). O céu estava cheio destes dispositivos e apenas pontualmente se via alguém aparecer no seu território para falar com ele olhos nos olhos. Como as casas eram apenas fachadas simuladas, convidada as poucas visitas a sentarem-se nos degraus da entrada de um prédio, ou na guia do passeio explicando que a diferença de altura servia para separar os carros dos peões. Depois oferecia um cigarro que tinha o defeito de não ter beat e não oferecer o prazer de o apagar raspando na textura irregular da pedra, simplesmente desapareciam. A atenção sobre estes pequenos gestos fizera-o notar que a sua cidade era demasiado perfeita. Começou por fazer *tags* em todo o lado, privilegiando as paragens de autocarro, cabinas telefónicas e marcos do correio cuja memória fora resgatada a um filme que viu. Por último, a sua obra-prima e de difícil compreensão, foi pegar num terreno devoluto junto ao Lidl e evocar a sua lembrança da feira de Santana (quando os feirantes abandonaram o local), dispersando pelo terreno caixas vazias de sapatos, caixas de fruta, garrafas de plástico, bolsas de plástico cristal (que tiveram de ser feitos de propósito para esta instalação). As *Coisas* dos outros que visitavam virtualmente o local geravam uma plausibilidade tão presente como moscas em torno de excrementos. Nada o entretinha mais do que ver os sacos a esvoaçar, a acumularem-se num canto e pouco depois a esvoaçar novamente e por vezes a surpreender um gafanhoto ou uma vespa, aprisionando-os por breves segundos.

Sorria, olhava para baixo e abanava a cabeça como que dizendo que *não*, ao mesmo tempo que recolhia os lábios procurando disfarçar o consolo.

Tornara-se um arquiteto do tempo perdido.



MÊS DA ARQUITETURA DA MAIA '19  
MAIA ARCHITECTURE MONTH '19

Promotores  
Promoters  
Câmara Municipal da Maia  
Maia Cultura

Conceito, Curadoria e Produção  
Concept, Curatorship and Production  
Andreia Garcia Architectural Affairs

Design Gráfico  
Graphic Design  
And Atelier

Vídeo  
Video  
Vasco Mendes

Tradução  
Translation  
Rui Parada

Agradecimentos  
Acknowledgments  
Armando Tavares  
Artur Branco  
Diogo Aguiar  
Francisco José da Cunha  
José Carlos Portugal  
Margarida Fonseca  
Maria Alexandra Ramalho  
Maria da Conceição Melo  
Mário Nuno Neves  
Nuno Lopes  
Paulo Renato  
Sofia Barreiros

Mecenas e Apoios  
Sponsors and Support  
AMAG  
Centro de Documentação e Investigação  
Urbana João Álvaro Rocha (CDIUJAR)  
Dagol  
Maia Hoje  
Pizza Hut  
Tintas 2000  
Unveil  
Viarco

Parceiro Media  
Media Partner  
ArchDaily

Comunicação Nacional  
National Communication  
Silver Lining

Comunicação Internacional  
International Communication  
Andreia Garcia Architectural Affairs  
– Joanna Helm

EXPOSIÇÃO  
EXHIBITION

Curadora  
Curator  
Andreia Garcia

Arquitetos e Críticos  
Architects and Critics  
Ana Aragão  
Artéria  
Branco Del Rio  
Corpo Atelier  
Fala  
Inês Moreira

Joaquim Moreno  
Os Espacialistas  
Pedro Bandeira  
Skrei  
Summary  
Susana Ventura

Produção Executiva  
Head of Production  
Andreia Garcia Architectural Affairs  
– Margarida Antunes

Arquitetura da Exposição  
Exhibition Architecture  
Andreia Garcia Architectural Affairs  
– Clara Puentes

Montagem  
Installation  
Unveil

CATÁLOGO  
CATALOGUE

Esta publicação surge no âmbito  
da exposição *Fast Forward*,  
realizada para o Mês da Arquitetura  
da Maia '19.  
This publication is part of the  
*Fast Forward* exhibition held for  
Maia Architecture Month '19.

Publicado por  
Published by  
Câmara Municipal da Maia  
Maia Cultura

Coordenação Editorial  
Editorial Coordination  
Andreia Garcia

Produção Executiva  
Head of Production  
Andreia Garcia Architectural Affairs  
– Margarida Antunes

Textos  
Texts  
Inês Moreira  
Joaquim Moreno  
Pedro Bandeira  
Susana Ventura

Obras  
Works  
Ana Aragão  
Artéria  
Branco Del Rio  
Corpo Atelier  
Fala  
Os Espacialistas  
Skrei  
Summary

Tiragem  
Print run  
1000

Depósito Legal  
Legal Deposit  
451563/19

ISBN  
978-972-8315-50-4

© 2019, Câmara Municipal da Maia,  
Andreia Garcia e autores.  
© 2019, Maia Municipal Council,  
Andreia Garcia and authors.

